

## UM NOVO NOME NAS LETRAS BRASILEIRAS: VERA ALBERS E *SURTOS URBANOS*

Celeste H. M. Ribeiro de Sousa\*

ALBERS, Vera. *Surtos urbanos*. São Paulo: Editora 34, 1998. 95 p.

*Surtos urbanos* é uma coletânea de 18 *flashes* narrativos com os seguintes títulos: “As fitas”, “Vila Bela”, “Parque Dom Pedro”, “A última plenária”, “Réquiem para G. H.”, “Anapla Kilala”, “A comilança”, “Bovary 70”, “O clube”, “Tentativas”, “O. O.”, “Doutor Fortuna”, “Ex-Libris”, “Tamanho dos testículos impressiona mais que o pênis” (de uma manchete do jornal de domingo), “Relato de Ismerina”, “No cocuruto da serra”, “Adrián León en América”, “A república”, seguidos de um posfácio intitulado “Narrativas da busca”, escrito por Sérgio Medeiros.

Trata-se realmente de um conjunto de *flashes* que, embora não partam de uma máquina fotográfica convencional, iluminam vivências arquivadas na memória da narradora que, depois de transfiguradas pelo seu imaginário, são verbalizadas num estilo inconfundível, marcado pela instantaneidade, pela falta de rodeios, às vezes mesmo pela crueza, principalmente quando há sexo envolvido, e pela interrupção súbita do desenrolar dos acontecimentos. O leitor é levado para dentro das narrativas à sua revelia, e a brusca suspensão dos fatos narrados força-o a refletir sobre a ruptura da expectativa criada e, portanto, não realizada, prenhe de significados, a evocar um sem número de intertextos. Dir-se-ia que a narradora empreende uma busca de si mesma, desde a infância à idade adulta, através da memória, resgatando experiências marcantes af retidas, à semelhança do que Federico Fellini fez em *Amarcord*. Chamam, por isso, a atenção e, certamente, serão motivadoras, desencadeadoras, do prazer da leitura, recomendáveis para adultos universitários, mas também para jovens colegiais, já que estão próximas dos mecanismos que

---

\* Professora da Literatura Alemã, Departamento de Letras Modernas, FFLCH-USP.

regulamentam as imagens visuais com que os jovens são cotidianamente bombardeados e seduzidos. A rapidez com que se faz a leitura das narrativas alicia, com a vantagem, neste caso, de não se sair impune da leitura, mas incomodado com a falta do final. Os textos instauram, assim, uma salutar inquietação que obriga o raciocínio a trabalhar. São textos excelentes para serem estudados e discutidos em sala de aula: são curtos e tematizam problemas atuais na vida dos adolescentes e dos adultos numa cidade como São Paulo.

O texto "As fitas", por exemplo, aborda o problema do jovem que leva para casa amigos, e os pais criam uma situação constrangedora, por falta de entrosamento, o que o leva a afastar-se de casa e a deparar-se sozinho, por vezes, com situações perigosas. Em "Vila Bela" é iluminada a reminiscência da primeira menstruação. Em "Parque Dom Pedro" resgata-se a descoberta inesperada do sexo, em plena enchente numa rua de São Paulo. Em "A última plenária" é lembrado o começo da Ditadura Militar e a militância dos jovens na resistência. Em "Réquiem para G.H.", a narradora volta-se para a traição amorosa. "Anapla Kilala" gira em torno da espera por um amigo e do desconforto imenso, trazido pela chegada da menstruação. "A comilança" refaz a percepção de uma festa do ângulo do adolescente. "Bovary 70" tematiza as dificuldades em engatilhar uma conversa, uma relação, com um homem em determinadas circunstâncias. "O clube" focaliza a descoberta da narradora de uma suposta traição do namorado atual com a outrora amante de seu ex-marido. Em "Tentativas" a narradora intelectual ilumina uma experiência mal-sucedida no campo de uma nova atividade profissional. "O. O." rememora vários colegas do colégio. Em "Doutor Fortuna" a protagonista colhe material para escrever um romance junto a um médico, em conversa que descamba do âmbito profissional para o afetivo. "Ex-Libris" relata experiências da narradora com trabalhos acadêmicos. "Tamanho dos testículos..." ilumina a vivência de um assalto à saída do metrô. "Relato de Ismerina" rememora a violência da seca no Nordeste a par da violência embutida na perseguição aos clandestinos da resistência à Ditadura Militar. "No cocuruto da serra" a narradora relata o que ouviu sobre a vida no sertão seguida da imigração para São Paulo. Em "Adrián León en America" é narrado o encontro da protagonista com a pessoa que dá o título à narrativa. "A república" lembra traquinices de criança e de adolescente, aprontadas na Itália, e em seguida a imigração do narrador para o Brasil.

Tanto pela riqueza do potencial temático, quanto pela qualidade poética, o exame de tais narrativas em sala de aula promete bons frutos, quer para estudantes, quer para professores.

## JOÃO CABRAL DE MELO NETO: PROSA

Nfobe Abreu Peixoto Silva \*

MELO NETO, João Cabral. *João Cabral de Melo Neto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. 139 p.

João Cabral de Melo Neto é um dos destaques da poesia brasileira, tanto pela afirmação de uma poética que vai de encontro à tradição subjetiva do lirismo mais facilmente aceito em nossa literatura, quanto pela coerência de um percurso literário pacientemente riscado no papel de branco "asséptico" e sempre com as mesmas "vinte palavras", "abelhas domésticas". Desde *Pedra do sono*, de 1942, até *Sevilha andando*, de 1990, o poeta pernambucano procura e se apropria de uma estética objetiva, um "cante a palo seco", para melhor falar de coisas – o próprio escrever, paisagens e pessoas. O seu ideal é o verso deserto de emoções, elemento estético de comunicação de uma realidade problematizante. João Cabral tem como enfoque a necessidade de uma poesia transitiva e que seja capaz de atingir o leitor. Daí a preocupação em ensinar o seu fazer poético e tornar mais clara a sua linguagem cheia de arestas e lâmina afiada. Se a realidade exterior é o que conta para o poeta, essa realidade só se torna palpável quando entendemos o seu alvo primeiro que, na nossa opinião, é o homem nordestino inserido no contexto maior da humanidade. Dar a ver, dentro do espaço da vida e da morte, a opressão política, religiosa e econômica denunciada por Severino e Frei Caneca, por meio da linguagem do "ferro forjado" ensinada pelo ferrageiro de Carmona, significa ultrapassar a fronteira do regional e chegar a paragens que, por universais, acabam por atingir o individual que existe no coletivo. É a necessidade do olhar novo exigido pelo fazer poético consciente, o caminho encontrado pelo poeta para se comunicar com o "leitor

\* Pós-graduanda em Literatura Brasileira – FFLCH/USP.